

IPF_OPE_07_0539

PAULO FREIRE

PAULO FREIRE

Paulo Freire, educador brasileiro de renome internacional, autor de muitas obras editadas em vários países, símbolo de todo movimento progressista de educação de adultos, nome que, certamente, ficará na história da educação do século XX, suscitava em nós antes da entrevista, certa ansiedade e até receio de que, num contato direto, essa imagem quase mística, se apagasse.

Paulo nos recebeu calorosamente, com um afeto que perdurou ao longo da entrevista. Respondia às nossas questões ora com entusiasmo, ora um pouco triste, sempre ilustrando seu pensamento com muitos fatos, experiências e contatos pessoais importantes ou significativos. Ao sairmos da entrevista, nos entreolhamos satisfeitos e concluímos que, na verdade, Paulo Freire é, sem dúvida, um grande educador desse século.

A entrevista foi longa, pois Paulo gosta de conversar, e, além disso, tem muito o que contar. Procuramos focalizar, basicamente, o período de sua formação e seu pensamento relativo às questões atuais de política e de educação. Menos necessário nos pareceu solicitar que ele falasse, mais uma vez, sobre períodos de sua vida (anos 60 e exílio) que são bastante conhecidos. Ele próprio percebe isso e espontaneamente indica livros que tratam dessas épocas. Os temas mais frequentemente tratados por ele se referem ao processo de aprendizagem, aos debates sobre Escola Nova, às relações entre política e educação, educação e revolução, educação e Partido e ao papel dos educadores na Nova República.

Paulo Freire nasceu em Recife em 1921, num ambiente marcado pelo regionalismo, numa sociedade impregnada de valores patriarcais, machistas, com características religiosas paroquiais típicas da classe média nordestina, que toleram formas religiosas outras, que não a católica. Justamente, a tolerância é um aspecto que marcou a infância de Paulo Freire que faz muita questão de falar sobre isso que ele chega a chamar de "virtude revolucionária". Com efeito, a tolerância é um traço de sua personalidade.

Ao narrar sua primeira formação, Paulo Freire já expressa uma concepção do processo de aprendizagem, aprendizagem essa que, para ele, sempre tem raízes no ambiente vivencial, onde as experiências pessoais, afetivas têm lugar de destaque. O termo "testemunhar" ilustra com propriedade e força esse aspecto. Aliás toda a linguagem de Paulo Freire é rica dessas expressões. Outro aspecto que ele destaca relativamente ao processo de sua aprendizagem, é o da competência das pessoas que o educaram.

Sua formação escolar após o primário, dificultada pela morte do pai, foi realizada em colégios que ministravam ensino de qualidade, porém alheios aos debates políticos. Ele relata como a dispensa das aulas no dia 11 de novembro de 1937, devido ao golpe de Estado dado por Vargas, apenas significou para ele e seus colegas (Paulo tinha 16 anos), mais uma oportunidade de jogar futebol. Na sua opinião, isso aconteceria para a grande maioria de sua geração, enquanto que, pensa, a geração de hoje reagiria, sem dúvida, de modo diferente.

Em relação aos estudos propriamente ditos, uma paixão: os "mistérios" da sintaxe. Essa paixão o acompanhará sempre, e é fácil percebê-la nos seus escritos filosófico-educacionais, no seu método de alfabetização e até mesmo na sua linguagem oral.

Como muitos intelectuais de seu tempo, Paulo se formou em Direito, profissão que jamais exerceria, como previra Elza, sua mulher e uma das responsáveis por sua opção pela educação.

Iniciamos a entrevista com uma provocação intencional, dizendo que o acusavam de ser escalonovista, cristão, basista, espontaneista. Abriu seu coração revelando sinais de mágoa, por entender que, por trás dessas acusações há, na verdade, ou má leitura de seus textos, ou intenções de menosprezo, desconhecimento, e, quiçá, de exclusão.

Já ao responder a essa nossa provocação, Paulo introduz um grande tema, objeto de suas preocupações: a relação entre teoria e prática. Na verdade, essa relação constitui a questão de fundo de toda sua reflexão filosófico-educacional, feita na entrevista.

Particularmente, a acusação de escolanovista toca numa polêmica recente, sobre a qual deixa entender que gostaria de dizer muita coisa, tanto que, a toda hora, discorre sobre isso. Sua posição é clara: "não sou escolanovista, não tenho nada a ver com o escolanovismo; entretanto, a Escola Nova não é tão reacionária como se diz".

Naturalmente, outro grande tema da entrevista, só podia ser o papel do educador, e Paulo se sente bem à vontade para falar sobre isso. Considerando que o autoritarismo é uma constante na história do Brasil, exorta os educadores a testemunharem o gosto pela liberdade. Para ele, o grande embate atual entre os educadores se trava entre a perspectiva autoritária e a perspectiva democrática.

Contrariamente ao que pensava há 40 anos, hoje, Paulo reconhece, com clareza, que é o político-ideológico que informa o técnico-pedagógico, chegando mesmo a afirmar que "o que a educação vai ser dentro de 15 ou 20 anos nesse país, está em 90% na dependência das modificações institucionais, infraestrutu-

rais". No pequeno, mas importante espaço que se abre, o educador pode ser, na melhor das hipóteses, progressista; educação revolucionária só com a Revolução.

A partir dessas premissas, sente-se emergir um Paulo menos interessado no ensino e mais voltado para a política educacional. Por isso outros espaços o atraem mais, como por exemplo, o trabalho no Partido.

O otimismo de Paulo Freire é evidente e resiste aos fracassos, decepções, percalços, derrotas. Seu otimismo não vem da crença de que o amanhã será necessariamente melhor, na perspectiva do evolucionismo. Seu otimismo vem da confiança que deposita na luta: "o futuro será melhor se lutarmos para que seja".

Depois de tudo, ainda nos resta precisar a razão de um Paulo Freire tão reconhecido internacionalmente, nesse século marcado pela contradição entre um altíssimo desenvolvimento tecnológico e a miséria de imensas massas de oprimidos. Talvez a razão esteja na sua "teimosia" em considerar o oprimido um sujeito, e em afirmar que, portanto, a revolução se faz com ele e não para ele.

ENTREVISTA

P.F. Nessa pesquisa, quais os educadores que vocês pretendem entrevistar?

- Ontem, conversamos bastante com Joel Martins. Acho que você poderia ajudar sugerindo nomes. Estamos pensando em diferentes enfoques.

P.F. Penso que uma coisa boa desse projeto é, primeiramente, o testemunho que vocês podem dar a respeito das diferentes opções. Em segundo lugar, é mostrar que a tolerância é uma virtude revolucionária e não apenas liberal burguesa, nem tão pouco apenas teológica ou teologal. Acho que isso é uma coisa que os brasileiros de esquerda deveriam aprender. Porque, que a direita seja intolerante, me parece fazer mais ou menos parte, da sua natureza. Talvez, agora, eu já esteja sendo um pouco intolerante com o pensamento de direita, ao dar essa afirmação. Acho que o projeto de vocês tem também esse gosto pedagógico, esse testemunhar... Vocês, mesmo tendo um seu quadro de opção política e ideológica, onde se mexem como educador e educadora, não puseram fora da história da educação aqueles pensadores que não estão necessariamente na ótica de vocês, mas que estão na história da educação.

P. Paulo, nós queríamos que a primeira pergunta fosse como uma dose de cachaça para esquentar um pouco, e talvez tenha até relação com isso que você está falando. A gente escuta acusações do tipo: Paulo é escolanovista; Paulo é cristão; Paulo é basista. Gostaríamos que você respondesse, do fundo do coração, a essas acusações, a essas críticas.

R. Acho que essas acusações e críticas são infundadas. Quando se diz "Paulo é cristão", aí não me ofende, de jeito nenhum, nem se está dizendo mentira, entende? Mas, quando se diz: Paulo é escolanovista, também não me ofende, porque a Escola Nova, historicamente, teve seu papel, ela não foi

tão reacionária como se diz, pelo contrário. Para mim não é verdade; revela uma má leitura de mim. Quando se diz: Paulo Freire é basista, acho que também é uma leitura errada, não apenas da minha prática; essa afirmação resulta de uma leitura defeituosa do que faço, do meu discurso enquanto prática. E é uma leitura defeituosa do meu discurso enquanto reflexão teórica sobre minha prática. Sabe, termino me convencendo de que muita gente que diz isso nunca me leu. Em vez de dizer que leu e não me entendeu, prefiro dizer que não me leu. Qualquer das posições não me parece intelectualmente séria.

P. Então, o que há por trás?

R. Eu não sei... Eu te confesso que, sem estar ferido, eu me sinto mal tratado, na significação exata da palavra. Isso não me faz marca no corpo. Mas é um mau trato do meu pensamento e da minha prática. Porque, em diferentes ocasiões - como eu já dizia antes - tenho deixado clara a minha posição sobre isso. Recentemente, num dos meus últimos trabalhos, que é um trabalho dialógico, Por uma Pedagogia da Pergunta - é um livro sobre as conversas com um filósofo chileno no exílio - em um certo momento, digo que toda postura excludente que se assume em face dos polos teoria e prática, leva necessariamente a compreensões deformadas da prática e da teoria.

R. Você usa a palavra "excludente". É o que você sente que há por trás dessas críticas?

R. Voltaria ao meu pensamento anterior. Toda vez que me ponho diante da prática e da teoria numa posição excludente, o que ocorre é que não vou entender nem a prática nem a teoria. Se excluo a prática - pelo menos, preponderantemente, também não faço teoria. Termino fazendo baixo blá blá blá, intelectualismo... Se excluo a teoria, também não tenho uma prática que marche, e aí eu viro um puro ativista. Se me ponho também na mesma linha de raciocínio entre prática

e teoria, e subestimo, por exemplo, o papel teórico do intelectual, embora no sentido de uma teoria que é prática, se excluo a contribuição teórica que o intelectual pode dar e afirmo, então, que a virtude, que a sabedoria está apenas no popular, eu então caio exatamente no que eu critico, que é o basismo. Se excluo a validade, a significação do saber popular, se dicotomizo o saber popular, o senso comum do saber que tende a ficar mais rigoroso ou mais exato, na medida que mais rigorosamente me aproximo dos objetos, dos fatos concretos para conhecê-los, se excluo a contribuição ou a necessidade que tenho de me molhar nessa sabedoria popular, caio na postura elitista. Isso, eu critico seriamente, em diferentes textos, de há muito tempo. Então, quando alguém vem e diz, que sou espontaneista, que sou basista ou populista, eu fico meio espantado. Acho que há, de um lado, uma leitura muito má de mim; uma leitura mal feita, não rigorosa, não correta. E, de outro, me dá, às vezes, a impressão de que há inclusive...

P. ... uma certa dor de cotovelo?

R. Não diria bem isso, mas é como se pretendessem me por entre parênteses, quer dizer, me desconhecer. Uma forma de me desconhecer seria dizer exatamente o que eu não sou, o que eu não disse. Entretanto, não me cabe fazer psicanálise de ninguém. Há ainda um outro tipo de análise, que eu considero defeituosa, que é aquela que me fixa nos anos 50 e diz que tive certa contribuição no meu tempo. É uma coisa engraçada. Evidentemente, um tipo de análise dessa ordem não me faz sentir velho, mas, com esse tipo de apreciação de mim, é como se no fundo pretendessem me dizer: - olha, Paulo, conforma-te com tua velhice. Mas acho - e aqui aparentemente perco a humildade - que tive uma importância nos anos 50, e tenho ainda uma importância nos anos 80. Seria um absurdo da minha parte dizer que só há importância em mim. Nunca houve só importância em mim. Nos anos 50 também não. Fui uma das pessoas que teve uma importância nos anos 50. Mas hoje, ao lado da geração jovem

de vocês, da geração talvez mais jovem ainda do que vocês, e da geração um pouquinho mais velha que vocês e mais nova do que eu, tenho uma importância, ao lado de vocês. Então, afirmar que eu tive uma importância nos anos 50 me parece o desejo de decretar a minha morte nos anos 50; só que eu não morri. Dizer também, que uma das minhas importâncias - já li isso - teria sido escrever a cartilha que causou uma grande saída dos livros, uma vez que as pessoas menos rigorosas leriam com mais facilidade um autor menor, que fizesse apenas descrições da prática; enquanto que os reais teóricos da pedagogia brasileira teriam, obviamente, mais dificuldades de serem entendidos. Acho que esse tipo de análise é, além do mais, profundamente elitista e reacionário.

P. Qual seria a razão de você permanecer importante, de você estar junto com as pessoas na história? (silêncio) Eu tenho uma hipótese...

R. Diga!

P. Acho que é sua "teimosia" em considerar o oprimido como um sujeito. Você "teima" em considerar a classe explorada, o trabalhador um sujeito, e "teima", portanto, em afirmar que a revolução se faz com ele, e não para ele. Não sei se seria isso.

R. Concordo com você.

P. Será que essa é a sua mensagem, importante ainda hoje?

R. Penso que sim. Acontece que esse recado não tem nada a ver com posturas autoritárias. Uma opção político-pedagógica autoritária rechaça isso. No fundo, acho que no miolo de toda essa discussão, dessa divergência, há um pouco de quem luta entre posições mais substancialmente democráticas e posições mais substantivamente autoritárias. Na medida se você fica numa posição substantiva democrática

ca, você incomoda os autoritários que precisam encontrar caminhos de explicação de si mesmos, pela crítica aos mais democráticos.

P. Paulo, vamos repensar um pouco você mesmo. Você nasceu em 21. Quem educou Paulo Freire na infância, nos primeiros dez anos?

R. Não tenho nenhuma dificuldade para falar um pouco a vocês dois sobre isso. Mesmo que necessariamente eu não possa agora, ao responder a essa pergunta, que acho legítima e necessária nesse tipo de conversa, mesmo que eu não possa, agora, contar uma infância totalmente diferente de outra infância sobre a qual eu já falei em outros textos e em outras entrevistas. É engraçado, estou dizendo isso até com um certo humor. Porque também já tenho sido criticado pelo fato de, dizem, eu me repetir. Não posso proibir que no Brasil, e fora do Brasil, me perguntem sobre alfabetização todo dia. Agora, o que não posso é inventar uma coisa diferente, que não tem nada a ver com a compreensão crítica do fenômeno. Abrindo um parêntesis, ainda ontem, a BBC de Londres, misteriosamente, me telefonou, de Londres, para o telefone do meu novo endereço. Nunca imaginei um negócio desses. Claro que ela descobriu através do Brasil, não sei como, mas descobriu, porque me chamou de Londres para que eu falasse exatamente sobre alfabetização. Agora, não posso dizer à BBC de Londres: olha, eu não tenho nada a ver com isso, porque estão dizendo que eu estou me repetindo? Não posso. Porque a BBC me perguntou? Porque um jornal de Londres, comentando o problema do analfabetismo no mundo, me comentou também. Quer dizer, um jornal de Londres reconhece que estou vivo e não acha que morri nos anos 50. E então me comentou, me discutiu. E a BBC de Londres considerou que isso - programa para o Brasil - era notícia, e me entrevistou pelo telefone. Você me pede, agora, que o Paulo Freire, de 64 anos hoje, fale do Paulo Freire dos 10 primeiros anos. Até por coincidência, vocês estão

aqui agora defronte, exatamente, de uma pintura de uma grande amiga de Recife, Janira, que é a da casa onde nasci. Foi exatamente ali que vivi durante esse pedaço de tempo que você me perguntou. Fica no Recife, estrada do Encanamento, 724. Aquelas árvores que estão ali, algumas são contemporâneas minhas, aquelas grandes... Lamentavelmente, há uma mangueira na frente da casa, no ângulo esquerdo dessa visão, que está oculta, minha amiga não a fixou, que foi plantada pela minha avó. Ali engatinhei, ali experimentei os primeiros sons, ali me levantei, ali andei, naquele pedaço de chão que está ali pintado; ali entendi as coisas; ali quis bem; ali tive uns certos testemunhos fundamentais de minha mãe, de meu pai. Até exatamente os 10 anos, vivi ali. O que vale dizer: de 21, quando nasci, a fins de 31, talvez comecinhos de 32.

P. Ali você começou a estudar.

R. Ali fiz uma iniciação à minha alfabetização sobre a qual me refiro nesse meu livrinho A importância do ato de ler, que muita gente pensa que é um livrinho de memórias. Partindo daquela casa, fui para a escola primária. Daquela casa, daquele terracinho estreito que está ali pintado, assisti ao esvaziamento da casa, com os móveis saindo para ir para cima do caminhão que nos levaria até uma cidadezinha, hoje próxima de Recife, naquela época, porém, longe, que se chama Chapadão. Essa cidade teve uma importância muito grande na luta dos comunistas em 35, que a direita brasileira apelidou de "Intentona". Não considero "intentiona", mas "luta de libertação". Dali senti minha casa se esvaziando. Já disse que ali tive minha segunda expulsão. A primeira foi quando o útero de minha mãe me expeliu e me jogou no mundo. A segunda foi ali, que se antecipou à terceira, que foi por ocasião do golpe de Estado de 1964. Mas queria dizer algo importante que é um prolongamento da tua indagação. Ali aprendi algumas coisas básicas na minha vida. Ali aprendi que a relação amorosa de pai com filho, de mãe com filho, com filha, de marido com mulher,

na constituição substantiva do lar é algo absolutamente importante. Aprendi, não a nível teórico, e sim a nível de experiência vivida. Posso até te dizer, de novo, uma coisa, como se estivesse, aqui, conversando com um psicanalista, que aquele pedacinho de terraço (eu até sugiro, caso vocês usem essa entrevista, que fotografem essa casa pintada pela Janira), onde meu pai e minha mãe costumavam sentar à noite, naquelas noites quentes do Recife, amenizadas pelo ventinho que um grande jornalista recifense, o Aníbal Fernandes chamava de ventinho ensinado, ali naquele terraço, eu pressenti um dia, devia ter uns cinco anos e sofri um dismantelo emocional, que havia algo errado no papo entre minha mãe e meu pai. Estavam desarrumados e eu me desarrumei. (telefone toca, interrupção).

Havia dito a vocês que o primeiro aprendizado de que eu participei, que praticamente me tomou, foi o da relação humana na família. Relação não cavilosa (não sei se essa palavra tu conheces), mas séria, corajosa, aberta, democrática, dialógica. E a importância disso era tão grande que me fez suficientemente acurado para perceber que, uma certa noite, havia algo de discussão, de conflito entre o pai e a mãe. O que se deu ali foi um certo receio da ruptura da harmonia. Com isso, porém, não quero dizer que os conflitos sejam ruins; pelo contrário, acho que os conflitos são as parteiras do novo equilíbrio, da sabedoria, da consciência. Não estou negando o conflito. O que estou dizendo é que o sintoma de um conflito, que batia em cima de um terreno de paz, naquela noite longínqua, me afetou. Um outro aprendizado que fiz naquela casa, com eles, minha mãe e meu pai, foi o da leitura da palavra. Por trás daquelas folhas de coqueiro do meu tempo - agora lamentavelmente não existem mais, havia duas lindas e frondosas mangueiras que ficavam no fundo da casa. Ali, meu pai armava uma rede de um tronco ao outro e tocava seu violão.

- P. Em que medida acontecimentos internacionais, como por exemplo, o que acontecia na Rússia, entravam em sua casa?

R. Meu pai era oficial da polícia militar de Pernambuco, e teve que se reformar justamente no ano em que nasci, por um acidente. Durante o desfile de 7 de setembro, o cavalo escorregou na calçada molhada pela chuva e espremeu meu pai contra a parede. Não sei se foi exatamente por isso, mas o fato é que ele teve uma dilatação da veia aorta. Na época, não havia solução cirúrgica. Isso o fez morrer aos 52 anos de idade, em 1934. Hoje, aliás, uma das sensações estranhas que sinto é de ser mais velho que meu pai. Ele morreu aos 52 e eu tenho 64. A mesma sensação tive com um tio meu. Tio afim, um homem extraordinário, um grande jornalista, João Monteiro, que combatia o governo de Washington Luis; era um homem filiado à Revolução de 30, que levou à derrocada de Washington Luis. Eu me lembro dos diálogos entre meu pai e ele, que, em certo sentido, funcionaram para mim como introdução à realidade política nacional; claro, aquilo que uma criança podia aprender. Eu não entendia tudo, mas uma coisa entendia: é que do ponto de vista deles, ficava muito claro para mim, que o Brasil precisava mudar. E que a mudança seria, pelo menos até onde eu entendia, no sentido de uma justiça. Vejam que essa coisa não é gratuita, há um pouco de raiz na experiência da gente. Uma outra coisa interessante, também, era o enorme respeito que meu pai tinha, e que transmitia a nós, por Carlos Prestes, como um homem sério. A coluna foi em 24. E me lembro que, em algumas das vezes em que ele falou de Prestes, ele falou com seriedade, com respeito. Disse isso, um dia, ao próprio Prestes. Quando recebi o título de cidadão honorário do Rio de Janeiro, há dois anos, coisa que pouca gente sabe, porque a imprensa também não quis divulgar - o Prestes foi lá, à Câmara do Rio de Janeiro e eu o abracei. Disse, no discurso que fiz, que tinha aprendido a respeitar Prestes, o que não quer dizer a sempre concordar com ele. Tinha aprendido a respeitar sua presença na história desse país. Pode-se discordar das táticas que Prestes usou, pode-se discordar de tudo. O que não se pode é negar que esse homem se entregou historicamente à luta pela libertação desse país.

P. E o seu curso primário?

R. O meu curso primário foi salpicado de coisas interessantes. Por exemplo, tive uma professora, durante pouco tempo, que me marcou enormemente.

P. Carneiro Leão havia feito uma reforma de ensino em Pernambuco, não é?

R- É interessante, essa reforma chegou e não chegou. Houve uma presença do chamado movimento Escola Nova, no Recife, nos anos 30, e que me tocou, me alcançou. Tenho uma grande amiga no Recife que hoje, está pesquisando todo esse momento. Recentemente, num curso que dei na Universidade Federal de Pernambuco, no mês de setembro, conversamos muito sobre o andamento das pesquisas dela. Havia um professor paulista, chamado Escobar que foi fazer a reforma. Inclusive me lembro de anedotas disso, mas não estou muito a par. Ela sim, pois está pesquisando. Eu me lembro de umas reações enormes que a classe média e a burguesia do Recife tiveram, com relação a certas introduções do Escobar, principalmente se estivessem além dos níveis de aceitação da sociedade mais ou menos fechada do Recife... Com relação à sexualidade, por exemplo, mesmo a compreendê-la da forma mais comum, mais corriqueira. Eu me lembro dessas reações, tanto é que fixei o nome do professor Escobar.

Bem, fui aluno de um Grupo Escolar, onde havia uma professora chamada Áurea. Uma mulher extarordinária. Foi uma das melhores, ao nível da escola pública, que me marcaram. Ela me marcou por duas qualidades. Juro a vocês que não estou mentindo. Porque, vejam bem, contar momentos de memória pode, de vez em quando, trair quem conta. Você pode dizer coisas que gostaria de dizer hoje, mas foi no ontem. As duas qualidades dela que me marcaram nada têm a ver com certas críticas que me fazem hoje, por exemplo, de espontaneista, de licencioso. As duas virtudes pedagógicas, e também políticas, que essa professora tinha, eram as seguin-

tes. Primeiro, era uma mulher rigorosa, não no sentido do autoritarismo da disciplina, mas rigorosa no trato das suas aulas, era competente. Segundo, ela assumia realmente sua autoridade em total respeito às nossas liberdades. O que vale dizer, ela me foi um dos primeiros testemunhos de que, embora, sendo diferente do aluno, do educando, o professor não é proprietário dele. Embora sendo indispensável à formação da liberdade do educando, a autoridade do professor não tem porque resvalar em autoritarismo. Essa professora Áurea me ensinou isso, testemunhalmente, sem discursos. Aprendi isso enormemente com ela e vivi. Uma segunda professora que na minha experiência chamada primária, me marcou enormemente, foi uma mulher extraordinária, em Jaboaão. Ao mesmo tempo era uma excelente pianista, uma excelente latinista. Dessas coisas que a gente teve no país, no nordeste, no fim do século passado, entrando nos começos desse século. Essa mulher tinha um domínio da língua portuguesa de primeira qualidade. Estudava muito o latim. Se lhe perguntassem "para que?" ela teria sua resposta. Ela me preparou para o exame de admissão ao ginásio. Chamava-se Cecília Brandão e morreu, quando eu estava no exílio. Não pude abraçá-la na minha volta. Acho que essa mulher merecia, ao lado do pároco do meu tempo, grande músico, maestro, compositor padre Promácio Leão... essas duas pessoas, ao lado de uma outra educadora que Jaboaão também teve, dona Odete, essas três pessoas, dentre outros, mereciam um ensaio, uma análise nessa cidadezinha de Jaboaão. Dona Cecília Brandão me marcou enormemente como professora, despertou em mim uma enorme amorosidade aos problemas da sintaxe da língua portuguesa. É interessante, eu tinha 15 para 16 anos quando entrei no ginásio, e diante das razões de que já falei, três ou quatro anos depois, no quarto ano do ginásio, eu me lembro das conversas que voltava a ter com ela, mas agora quase de professor para professor. Eu já ensinando também sintaxe da língua portuguesa, voltava à casa dela, e me lembro da maneira como ela me recebia; e o padre também; que era um grande latinista, um grande conhecedor da sintaxe da

língua portuguesa. Nessas conversas eu ia debater uns certos "mistérios" da sintaxe portuguesa.

- P. E essas pessoas: o pároco, as professoras, seus pais, que tipo de postura tinham diante da história, da política, dos problemas sociais? Na sua reflexão de hoje, o que você acha da postura deles diante da história?
- R. Interessante. O testemunho de meu pai era de uma profunda recusa às injustiças sociais, à exploração. Não que ele tivesse feito discursos sobre isso. Ele testemunhava a sua recusa ao tratamento, por exemplo, discriminatório da doméstica. Ele se opunha a isso. Por outro lado, era um homem profundamente tolerante, e isso é outra coisa importante que aprendi com ele. Já disse isso em outras oportunidades, mas não faz mal repetir. Vocês imaginem que meu pai era espírita. Ele lia Alan Kardec em francês, só que não tinha uma prática de centros espíritas, essas coisas, mas não era católico. Minha mãe era católica. No começo da primeira metade deste século, eles se casam. No nordeste, com uma cultura profundamente patriarcal, em que o homem decide, meu pai jamais interferiu na catolicidade de minha mãe. E ao conversar conosco ele também jamais se omitiu - e é isso que acho formidável. Ele nunca nos disse, a fim de estabelecer uma harmonia com a opção religiosa da mulher, que acreditava no catolicismo. Testemunhava sua posição diferente, e o respeito à opção da mulher. Eu me lembro de um fato, ao qual também já me referi, que aconteceu em 1928 ou 29. Houve na paróquia a que essa casa geograficamente pertencia, a paróquia da Casa Forte, com uma praça bonita que ainda hoje existe, só não do mesmo jeito porque há 30 ou 40 anos foi arborizada... Houve uma semana de missões com um padre italiano chamado Paulo. E era um homem forte, enorme, e eu fui às missões durante a semana toda. Não escondidamente, mas com meu pai sabendo que eu ia. Eu tinha 6 ou 8 anos e ia só, porque a casa ficava perto da praça. E me lembro até

que esse padre me impressionava muito porque era, para mim, uma espécie de Hulck daquela época. Ele pegava o púlpito, sozinho, e carregava para perto da igreja; achava aquilo uma coisa extraordinária. E falava conosco, os meninos, de uma maneira muito significativa. Depois de passada a semana das missões, houve a primeira comunhão dos meninos novatos. E me lembro que fui ao meu pai e disse para ele: domingo que vem vou fazer minha primeira comunhão. Com respeito; porém, não fui pedir licença para fazer, entende? Acho que isso é muito significativo na minha vida, inclusive de educador hoje e respeitador da massa popular. Minha posição como educador político não é a de quem possui uma verdade arrancada dos livros, é a de quem acredita nos textos que lê, mas acredita muito nos textos não lidos, não escritos. Eu me lembro que meu pai disse: meu filho, eu vou com você. Ele me acompanhou no domingo à igreja e quando voltei da missa de comunhão ele me beijou a testa e fez aquilo com uma dignidade tal, que até onde minha memória não mente, fez para testemunhar o bem e o amor ao filho, mas sobretudo, para mostrar que não é possível amar sem respeitar. Que não é possível amar transformando quem se ama em objeto do amor, mas em sujeito também, enquanto objeto. Ao mesmo tempo em que tu és objeto de meu amor, tu és sujeito, também, da relação em que tu és objeto. O que ele fez foi testemunhar isso a mim. Mas ao testemunhar isso, me deu uma outra imensa lição que é a da tolerância. Ele tinha e era a autoridade paterna; tinha o respaldo de uma cultura macha e autoritária. Sabia que podia ter dito: não, o senhor não vai fazer primeira comunhão porque isso é uma boboseira, e eu não teria como ir. Mas ele sabia que ao fazer isso violentaria uma opção desfazendo-se do seu filho. E respeitou essa opção. Olha, isso em 1928, no nordeste, é fantástico. E, como pai, talvez não tenha sido tão bom discípulo dele, mas no fundo, sei que minha autoridade paterna se gestou na relação entre minha liberdade de filho e a autoridade paterna de meu pai. Foi aí que comecei a aprender a ser autoridade.

P. Quem educou o adolescente Paulo Freire?

R. Em parte a própria vida. Outra casa, uma situação mais para dramática do que antes; a situação da morte de meu pai, por exemplo, que se deu já nessa casa. Éramos quatro filhos, eu o mais novo. A morte de meu pai me desmantelou, me desenraizou terrivelmente. Não digo que foi só a mim, aos outros também. Mas, me cabe falar de mim mesmo. Tinha 13 anos, uma idade que é difícil em si mesma, na cultura da gente. Não digo que seja em qualquer cultura, não acredito nessa metafísica da adolescência. Mas o fato é que, entre nós, é uma idade que, em si, é difícil. Eu vejo meus netos, minhas netas, eu também tive essa idade. Por outro lado, eu tinha o problema da fome, das dificuldades a enfrentar. Tudo isso somando-se a essa ruptura trágica que foi a da ausência repentina de uma presença fundamental. Então, isso foi profundamente dramático. É impressionante como foi possível inventar caminhos - não individuais, mas dentro da família - de superação dessas esquinas, desses cotovelos da existência que, às vezes, ferem a gente. A vida de nós todos modificou-se, de um lado pela morte do pai e, de outro, pela necessidade de sobreviver.

P. E o ginásio?

R. Aí vem exatamente a época do ginásio. Já tinha passado da idade de entrar no ginásio, e estava fora dele. Por que na época, os meus colegas de geração entravam no ginásio, exatamente, entre 10 e 11 anos. Fazia-se o exame de admissão aos 10 anos. Eu tinha 13 e estava muito longe da admissão. Fui, assim, fazer o exame de admissão com a despreparação da escola primária. Tive só aquela experiência muito curta de um semestre com a professora Áurea, e depois a experiência, pequena, também, de introdução ao exame de admissão, com a Cecília. Tive uma experiência de escolarização não muito boa. Era difícil para mim. Havia apenas um colégio es-

tadual, em Recife, na época do ginásio, famoso pela rigurosidade, inclusive. E era difícilimo entrar nesse ginásio. Era quase como se entrar numa universidade, fazer o exame vestibular para a USP. E por outro lado, minha mãe não tinha condições de pagar uma escola particular. Queria estudar e não podia. Finalmente um dia, minha mãe encontrou um colégio, que por sinal era um dos melhores colégios que Recife teve até hoje, chamado Colégio Oswaldo Cruz. Lá, o diretor e sua esposa, hoje viva ainda, ele não, ele está morto, Aloisio Araújo, nos recebe e diz que me dá uma bolsa de estudo. A única exigência que ele fazia era que eu estudasse. Isso era exatamente o que eu queria. Assim, entrei no ginásio já com 15 anos de idade. Faço meu ginásio todo, peguei a última turma do chamado curso pré, e aí me torno também professor de língua portuguesa. Foi um exercício fantástico para mim; uma descoberta enorme que me tinha sido já provocada pela Cecília, a amorosidade, o gosto pelos problemas da sintaxe.

P. Você era aluno no ginásio e, ao mesmo tempo, dava aula?

R. Não. No primeiro momento, quando era aluno gratuito do ginásio, entrei no gabinete do diretor e disse a ele: Dr. Aloisio, vim conversar com o senhor para pedir-lhe que aproveite meu trabalho. O senhor me dá esse curso gratuito, e acho que devia dar uma contrapartida. Não é orgulho meu, é meu dever. Como posso estudar à noite em casa, eu me ofereço para ficar à tarde fazendo mandados que o senhor queira, protocolo de uma carta que o senhor manda para alguém, qualquer coisa... fazer mandados. Essa expressão é interessante. Fiz realmente, alguns mandados, e anos depois fiquei muito amigo dele. Era esse tipo de amizade em que você se sente, ao mesmo tempo, muito afetivamente perto da outra pessoa e, em certo sentido, respeitosa longe. Essa ambiguidade que há. Esse tipo de amizade se criou entre nós de maneira muito bonita.

- P. Paulo, tente reconstruir do seu período de ginásio, o clima cultural, os núcleos temáticos, a filosofia da educação que você respirava. As preocupações, os valores, as informações...
- R. Acho essa uma pergunta fundamental. Comecei a gravar, ontem, aquele programa com o pessoal do rádio e o moço me fez mais ou menos, essa mesma pergunta, que é absolutamente legítima. No entanto, sinto um pouco de dificuldade de responder. Mas, talvez eu possa, descrever certas formas de relacionamento...
- P. Vamos datar. Isso foi em 37? Foi aí que Getúlio implantou o Estado Novo. Foi aí que você chegou ao ginásio?
- R. Exato. No dia 11 de novembro de 1937 eu chego ao ginásio com um grupo de companheiros, ora de turma, ora de curso, e o Dr. Aloísio estava na porta. Ele disse: Bom dia, estou aqui para dizer a vocês que hoje não vai haver aula; o Brasil mudou. Eu não me esqueço disso. Ele disse que no Brasil todo não haveria aula, e a minha reação - eu tinha 16 anos - foi a de ir jogar futebol com os companheiros. Acho que a grande maioria da minha geração daria um testemunho como esse que estou dando.
- P. Não entendi. Ele dizia assim: "o Brasil mudou", num tom circunspeto ou ...
- R. O Brasil mudou, uma coisa normal. Houve uma coisa ontem à noite, etc.
- P. Não se avaliava bem ainda o que era.
- R. Ele devia saber que tinha sido um golpe de estado. Mas, para nós, é que não havia nada, era como se nada tivesse mudado. Foi uma coisa boa poder ir jogar futebol e não ter aula. Hoje, mesmo depois dessa larga experiência de silêncio no Brasil, havendo qualquer coisa por

aqui, dificilmente um moço de 16 anos reagiria como reagi naquela época.

P. E o seu colegial?

R. Bem, fui da última turma do pré, um curso chamado pré-universitário. Havia o pré-médico, o pré-jurídico e o pré-engenharia. Antes disso, gostaria de dizer que esse colégio onde estudei era muito bom, muito sério possuía um corpo docente muito competente, e o ginásio foi um curso relativamente bem feito. Só não foi muito bem feito porque eu tinha deficiências na minha escolarização primária. Mas foi um curso bem feito, onde estudei bastante bem português, as línguas estrangeiras que se perdiam na época; vejam que era possível a um jovem, naquela época, ler em inglês, em francês. Eu não diria falar, mas ler sim, com o que tinha estudado no ginásio. Estudei bem história, geografia, era um curso realmente bem feito, bem trabalhado. O curso pré também. Para vocês terem uma idéia, quando, por volta de 47, se criou a Universidade do Recife (notem como as universidades foram retardadas no Brasil, surgiram muito depois), o corpo docente desse colégio, em grande parte, foi absorvido pela universidade. Talvez vocês pudessem dizer: isso não explica que eles fossem professores competentes, porque eram, possivelmente, os que havia. Mas não era só isso. Na verdade, eram professores competentes, e creio que melhoraram ainda, depois da experiência universitária.

P. Você só estudava, não dava aulas?

R. Sim, dava aula, exatamente, de língua portuguesa. Eu só fui, na minha vida, isso mesmo. Eu disse a vocês que quando tinha 15 para 16 anos, justamente na fase anterior ao chamado exame de admissão, escrevi um bilhete para minha mãe onde escrevi 'rato' com 2 r, e 'interessante' com 'ç', e ela me respondeu - jamais me esqueci disso - delicadamente: meu filho, rato se escreve com um 'r' e interessante com 2 'ss'. Quando tinha 18 para

19 anos, na medida em que meus irmãos mais velhos começaram a melhorar os seus salários, o poder aquisitivo da família melhorou, e com essa melhora houve, necessariamente, uma possibilidade maior, também, de se nutrir. Es se foi um período riquíssimo em minha vida porque comecei, surpreendentemente para mim, a compreender melhor as coisas que lia. Tinha uma forte atração pelos estudos de gramática. Corria o risco de virar gramatiquista, gramaticóide, mas fui salvo, possivelmente pelas leituras que fazia de Gilberto Freire, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, na minha adolescência. Não mataram em mim, o gosto dos "mistérios" sintáticos, a sintaxe de colocação, a questão dos pronomes. Não mataram em mim a curiosidade por isso, mas me alertaram contra a rigidez desgostosa de um gramatiquista. Com essa atividade, quanto mais eu estudava os clássicos, os grandes gramáticos, filósofos, etc... da língua portuguesa, no Brasil e em Portugal, tanto mais me instrumentava, e aí comecei a poder dar aulas particulares de português, com que comecei a ganhar meu dinheiro e a ajudar a família, também. Reservava uma parte do que eu ia ganhando para ir comprando os meus livrinhos. Ia muito aos sebos, no Recife onde, me lembro de ter encontrado, certa vez, uma coleção não completa, naturalmente, mas de uns 25 números da velha Revista de Filologia e Português, ou algo assim. Era uma obra muito importante na época, publicada no Rio de Janeiro. Perdi isso tudo. O que vocês estão vendo aqui, encadernado, foi o que sobrou da primeira biblioteca que tive. Com o cupim e a cheia, durante meu tempo de exílio, perdi toda essa coleção à qual estou me referindo. Mas foi aí que consegui comprar o famoso livro de Ernesto Carneiro Ribeiro, baiano famoso, **Serões Gramaticais**, que naquela época, estava fora de impressão, hoje não. Aí comprei e li os Serões todos. Nessa época estava no colegial, no chamado pré, dando minhas aulinhas de português. Resultado: eu me tornei, acho que me tornei, um bom professor de Português. Hoje, quando penso sobre esse tempo longínquo, vejo como, na verdade, tinha intuições certíssimas...

P. E o seu interesse pelas questões sociais, políticas, questões teóricas surgiu no colegial?

R. Começaram a surgir no colegial, de forma ingênua.

P. Você tinha informações a respeito da literatura marxista?

R. Não, não tinha.

P. Como andava a literatura marxista no Brasil no pós-guerra, na época do plano Marshall? Lia-se alguma coisa de Marx no Brasil?

R. No Brasil não poderia dizer, porque eu era muito recifeense; vivia só no Recife e não conhecia nada. Vim ao Rio de Janeiro a primeira vez em 48, com 27 anos. Conheci, na minha geração, alguns jovens, como eu, que liam Marx, mas eram raros.

P. Como é que você se lembra disso? Era, provavelmente, em outra língua.

R. Creio que liam em espanhol, pela tradução de Fondo de Cultura, a famosa Fondo de Cultura.

P. Graciliano Ramos, porém, conhecia Marx.

R. Sim, Graciliano estava dentro do Partido e a mulher dele também. Creio não estar errado ao dizer que havia uns poucos. Obviamente que havia o Partido Comunista em Recife; existia com força e havia intelectuais que estavam metidos lá dentro. Vejam: a pressão da Igreja, toda propaganda incrível contra a União Soviética, tudo atuando em conjunto. À minha geração, por exemplo, foi dito que Marx era um animal, um gambá que comia gente... Nessa área como a nordestina havia também a presença no começo desse século, como em São Paulo, de operários europeus anarquistas. Só que essa coisa ficou muito pouco

pesquisada, muito pouco estudada. Tenho a impressão, que a minha geração começou a ler Marx, muito tempo depois.

P. Paulo, não sei se você concorda, mas penso que depois da guerra, por volta de 1947-1950, todos os intelectuais humanistas foram acreditando - naquela época era mais fácil do que hoje - na assim chamada terceira via, isto é, 'não' ao comunismo, mas também 'não' ao capitalismo. Ainda não tinha havido, como está havendo hoje, uma comprovação histórica de que a terceira via é irrealizável. Então se acreditava, que se poderia trazer a justiça social ao Brasil, sem se recorrer ao marxismo.

R. Exato, eu acho que você tem razão.

P. Todos os escolanovistas acreditam, realmente, na justiça social, nos ideais sociais, e o caminho político seria exatamente a terceira via.

R. E, às vezes, nem isso era explicitado.

P. Mas, na prática, dizendo um não ao sistema da União Soviética ou a qualquer outro tipo de revolução socialista, achando que vamos fazer justiça social por nós mesmos, a caba-se afirmando a terceira via.

R. Veja, por exemplo, em certos aspectos, o movimento escolanovista, sobretudo, o mais marcado por Dewey, acreditava e enfatizava, em primeiro lugar, o papel da prática social. É inegável e indiscutível isso.

P. Joel chama Dewey de socialista.

R. Pois é, mas não creio que seja. Outro postulado interessante, com o que os marxistas concordam, é que a prática se constitui em fonte inclusive da criatividade cognoscitiva da gente; quer dizer, a prática como raiz do conhecimento. Terceiro: para que se desenvolva uma capacidade

criativa no ser humano, é preciso modificar as instituições. Isto está claríssimo em Dewey, como está claro no Anísio Teixeira. Em que esta coisa pifou? É que tudo isso seria alcançado através da transformação escolar. Quer dizer: seria a educação que, no fundo, viraria a alavanca e o instrumento para essas transformações. Nesse sentido, indiscutivelmente, a nível não subjetivo, mas objetivo, essa postura, essa leitura de que resultava essa prática, terminava por ajudar à preservação justamente daquilo que se pretendia derrubar, entende?

P. O que não entendo, Paulo, é por que esses escolanovistas, assim chamados entre aspas, "socialistas", sequer consideram, nem que fosse para contestar, a teoria de Lenin, segundo a qual, devido ao imperialismo econômico, a justiça social não se daria, mas sim haveria o acirramento das injustiças. Pergunto: Anísio Teixeira conhecia o marxismo? Leu os escritos de Lenin, de Marx?

R. Isso não sei.

P. Não há uma citação deles. O que o Joel Martins fala - e gostaria de saber sua opinião - é que a expansão do marxismo não era do jeito que é hoje.

R. É, não era, realmente.

P. Então, mesmo para esses líderes intelectuais da época, efetivamente, o marxismo não entrava como interlocutor no horizonte da literatura, da teoria. É isso? Quando foi traduzido O Capital no Brasil? Havia grupos de marxistas, de comunistas, mas na Academia entrava essa literatura?

R. Não, de jeito nenhum.

P. E qual, então, o clima cultural, a literatura que você leu na faculdade?

R. O meu tempo de faculdade foi muito marcado pela luta em favor da redemocratização.

P. Você fez Direito.

R. Exato. E o pessoal de Direito assim como o de engenharia era muito politizado.

P. Isso no Rio?

R. Não, no Recife. E nós enfrentávamos a nível do estado de Pernambuco, Agamenon Magalhães, um grande administrador, que tanto falava de democracia como praticava autoritarismo. Foi um sujeito profundamente autoritário, um chefe de estado muito sério, mas muito rígido, muito duro. Vivemos um período muito difícil do ponto de vista de qualquer tipo de anseio de liberdade. O que ocorreu a mim, e deve ter ocorrido a um sem número de jovens da minha geração e mais novos do que eu, porque entrei na faculdade um pouco mais velho do que a média... Cheguei à faculdade, no vestibular, sem uma postura crítica diante do chamado Estado Novo. Tive toda uma experiência, durante o Estado Novo, de propaganda, do chamado DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda que Getúlio criou e que vendeu a figura de Vargas como a do papai salvador dos pobres. E eu tinha afinidade com a questão popular, precisamente, por causa das experiências da minha infância em Jaboatão, de modo que eu tinha uma certa simpatia pela experiência de Vargas. E eu não tinha nenhuma posição crítica diante do problema da liberdade. E não tenho dúvidas nenhuma de que isso era a média. O que acontece quando entro na faculdade? Ao chegar à Faculdade, começo a conviver com Teoria Geral do Estado, Introdução à Ciência do Direito, Direito Constitucional, toda essa coisa, durante o meu percurso de cinco anos. Era muito assíduo; eu reservava para as aulas da faculdade meu tempo, ia lá e assistia. No primeiro ano, a leitura de um determinado aspecto, de um tema qualquer, por exemplo no curso de teoria geral do Esta-

do, me abria o caminho para eu ler outras coisas que nunca tinha lido antes. Então, essa coisa toda foi se constituindo como indagação crítica para mim. Comecei a pensar, puxa, há algum treco errado nisso. Isso não foi em termos individuais, isso se deu com a média dos estudantes. Coincide com essa passagem do estudo da curiosidade à realidade objetiva, concreta. Quer dizer, o Brasil vai à Guerra, eu fiz parte das passeatas, no Recife, que exigiam, de Vargas, a entrada do país na luta. Fui à praça pública com a minha geração, que exigia guerra (imagine!) e porque perdi amigos nos navios torpedeados pelos alemães, experimentei um black-out, no Recife, tive toda aquela tensão. Então, de um lado, as leituras me alertando com relação ao desaparecimento das liberdades; do outro, o concreto lá fora restringindo mesmo a liberdade. E a gente sendo apertada pela polícia de Agamenon Magalhães, os meus colegas indo para a cadeia, e eu sendo perseguido, procurado, etc... em função de nossas demandas de liberdade, também. Então, isso tudo criou em nós, na verdade, precisamente pela falta de uma leitura correta do porque a sociedade funcionava daquele jeito, tudo isso estimulou, em nós, uma postura mais liberal do que propriamente transformadora, revolucionária. Depois que vivi a experiência, sempre disse que para a nossa geração, o grande desafio de 45, do ponto de vista político, era o da demanda que a classe média começou a fazer para sentir-se mais enfaticamente na vida política. Porque, no fundo, a classe média no Brasil começa a participar da vida política depois da guerra do Paraguai. Foi depois da guerra do Paraguai, com a participação dos tenentes de classe média, que essa classe começa a ter certas posições e poder, no Brasil. Isso se incrementa em 30, com o tenentismo. Depois do golpe de Estado de 37, houve cortes. E em 45, o grande desafio era a reconquista de uma postura liberal. É interessante ver como aí a classe média apoiou a deposição de Vargas. O desafio de 64 não era mais o da classe média, mas o da classe trabalhadora. Em 64, a história coloca a possibilidade de emersão das massas populares. Em 45 era a classe média

participante e exigindo sua presença. Porisso é que nenhum de nós entendia, ou melhor, ficava zangado, com raiva, quando Vargas, considerado o papai dos pobres, era realmente apoiado pela classe trabalhadora. Naquela época, nenhum de nós entendeu, por exemplo, o gesto de Prestes de naquele momento apoiar Vargas depois de ter perdido a mulher que foi entregue à Gestapo. Porque a gente não podia entender isso. O moralismo da classe média, inclusive... não dá para entender essas coisas. Mas enquanto em 45 o desafio era esse, daí a classe média se por numa postura aparentemente de vanguarda, em 64, o desafio era o da presença das massas populares; a classe média, então, é reacionária. É interessante observar isso, historicamente, como a classe média oscila, assumindo posturas progressistas em determinado momento, e reacionárias em outro. Fico contente de poder dizer a vocês que em 45, eu estava na praça pública em solidariedade à massa popular. E foi por isso que eu fui preso em 64, não foi por outra coisa. É interessante ver como isso se deu. Atualmente já há uma série de estudos sobre essa época.

P. Em que ano você se formou?

R. Em 47.

P. Aí foi para o Rio.

R. Não, não. Eu ia ao Rio. Nunca morei no Rio. Só deixei o Recife para o exílio.

P. E depois da faculdade?

R. Bem, mas antes de terminar o curso houve um momento importante na minha vida. Meses antes de eu terminar o curso, fui convidado para trabalhar no Serviço Social da Indústria, SESI, que se criava também em Recife. Fui trabalhar no Departamento de Educação do SESI, como assistente. Três ou quatro meses depois, o supervisor da

educação, que era advogado, passou a ser supervisor jurídico e eu subi para a direção da Divisão de Educação. Esse tempo, em 47, me abre uma possibilidade enorme, formidável, de começar a ter uma experiência que gerou em mim uma certa atitude, que foi a de viver intensamente a prática, procurando entendê-la teoricamente. Esse é um momento de uma enorme riqueza.

P. Porque você, estudante de direito, foi trabalhar no SESI, no setor de Educação?

R. Vou explicar. Já falei que eu era professor de portugueses, que gostava enormemente de sintaxe. Por minha conta estudava gramática, os clássicos e simultaneamente com esses estudos comecei, também, a ler filosofia da linguagem, linguística. Lendo um desses textos me deparei, um dia, com estudos relativos à comunicação. As leituras teóricas sobre comunicação e linguística, associadas à prática de ensinar sintaxe, me despertaram enormemente para a educação. A isso se junta outra coisa que me direciona para a educação não enquanto estudante sistemático, aluno de faculdade, não havia sequer isso, que foi conhecer Elza, quer dizer, o meu namoro com a Elza. Ela era, na época, professora de jardim da infância, pré-escola, e era extraordinária, realmente, e uma grande alfabetizadora. Não é por acaso que a Madalena... acho que a Madalena hoje tem sido maior do que ela, e do que eu, mas tem um pouco a ver com a mãe. A gente se casa exatamente em 44, portanto antes de eu entrar no SESI. Ela me marcou intensamente. Os primeiros livros sistemáticos de educação, de pedagogia que li, foram os que ela trouxe. Foi através dela que entrei em contato com Dewey, Lourenço Filho. Eu me lembro também e isso é interessante, pois quando a gente se casou estava no segundo ano de direito - que ela sempre me dizia, nas conversas informais, que não acreditava que eu seria um advogado. Eu dizia: mas porque? E ela: Porque acho que você é um educador, um professor... Comecei a ter um escritório de advocacia com um colega meu, e um dia tive a célebre causa, que já

citei, que era a de um jovem dentista que não havia pago as prestações do equipo dentário... Eu era advogado da firma. Chamo o rapaz, ele vem lá ao meu escritório, um pouco tímido, diz que não tem dinheiro para pagar. Diz também: O senhor não vai poder tomar o meu equipo porque a lei não permite, é o meu trabalho. Mas o senhor pode me acionar, tomar os móveis que eu comprei, o bercinho de minha filha... E a filha dele era da idade da Madalena, recém-nascida. Quando acabei de escutá-lo, disse: Vai-te embora para casa e diz a tua mulher que tu vais ter, no mínimo, um mês de paz, porque de hoje a 15 dias eu devolvo tua causa para a firma, e digo que não quero mais isso, e ela vai passar mais 15 dias para achar um outro maluco como eu, que vai tomar conta da causa contra você, e me liberto disso. O sujeito ficou espantado, não podia entender aquilo. Quando voltei para casa, naquela tarde, a Elza no portão disse: Como é que foi hoje no escritório? Respondi: Suspendi, definitivamente, minha atividade. Vou continuar pagando o escritório para ajudar o Zamir, pois a gente tem contrato, mas não sou mais advogado, não dou para isso. Ela então me disse: Eu sabia que um dia ia ocorrer isso. E aí me dediquei inteiramente ao ensino. Foi daí que passei para o SESI, um ano e pouco depois, e comecei a me dedicar intensamente à leitura pedagógica. E reafirmo, nessa época, não fiz nenhuma leitura marxista. É que, não havia faculdade de filosofia. O que havia, naquela época, eram as faculdades de direito, engenharia, odontologia e medicina. Não tinha mais do que isso. Não tenho dúvida, hoje, quando olho para trás, que se eu tivesse tido uma convivência, mesmo precária, com Marx, teria feito uma leitura diferente da que fiz e isso teria dado a mim, indiscutivelmente, em primeiro lugar, uma maior clareza no trato com o problema pedagógico e, em segundo, uma orientação distinta da que eu tive durante "x" anos. Porque a outra hipótese é a seguinte: teria feito a leitura de Marx e não teria aceito Marx. Então, teria feito uma opção reacionária assumida, o que creio não seria o caso. Só teria a ganhar se tivesse lido Marx naquela época, porque não te

ria cometido certas ingenuidades, ou, pelo menos, teria cometido menos ingenuidades.

P. Talvez não tivesse sido o Paulo Freire.

R. Sabe, acho que seria Paulo Freire só que com uma... Se você me pergunta: e você se suicida por causa disso? Eu digo: Não, de jeito nenhum. Estou muito contente com essa trajetória. Estabeleci uma relação com Marx, muito tempo depois.

P. O que você me diz dessas leituras sobre educação que você começou a fazer, como por exemplo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, etc... O que lhe suscitavam tais leituras?

R. Li mais Anísio que qualquer outro.

P. Lourenço Filho é bem diferente?

R. Bem, bem diferente. Porisso li muito mais Anísio e o conheci pessoalmente também. Confesso que ficava encantado com Anísio. Foi um homem de uma inteligência incrível. Penso, também, que se Anísio tivesse "visitado" Marx... mas acontece o seguinte: é que Anísio foi aluno, brilhante, de J. Dewey, em Columbia.

P. Tivesse "visitado" Marx, você falou?

R. Digo tivesse "visitado" com aspas. Se Anísio tivesse visitado Marx, possivelmente ele teria descoberto os limites do reconstrutivismo, pois, no fundo, algumas daquelas aspirações de Dewey coincidem com as de Marx, não há dúvida. Mas Dewey não deu o salto que Marx deu. Neste sentido, Dewey ficou numa perspectiva idealista, quando ele julgou que a educação faria essa transformação. Em Anísio também tem isso. O que para mim é errado, não sei se vocês concordam comigo, é a partir daí, você inutilizar uma obra, entende? Porque eu não tenho dúvida

nenhuma de que, quando o Brasil sofrer essa transformação radical a que todos nós aspiramos, com que sonhamos, que necessariamente não vai se dar através da escola, nós necessariamente teremos que reconstruir a escola em outras bases. E aí então, não vejo porque não reler Anísio. Quer dizer, mesmo que isso se dê 50 anos depois, não faz mal nenhum reler. Vamos ver o que esse cara dizia, e que nas condições de mudança definitiva que a gente fez, pode ou não aplicar. Minha posição diante das posturas críticas, a minha crítica a essas críticas é apenas que elas em vez de só apontarem a compreensão ingênua do autor, inutilizam tudo o que ele diz. Isso não está certo.

- P. Penso que o problema está em como os divulgadores passam as idéias de um determinado autor para o senso comum dos educadores. Penso que acontece isso também com os chamados reprodutivistas franceses; a divulgação de suas idéias acaba gerando certas atitudes radicalmente contra. Isso acontece com você, com Anísio Teixeira, com Dewey.
- R. Quando se diz, constantemente, por exemplo, que Dewey, de um ponto de vista pragmatista, associava a exatidão do conhecimento à praticidade do conhecimento, ou seja, que a coisa seria mais ou menos exata, correta, válida, na medida que tivesse um interesse prático, a impressão que tenho é que não é bem isso. No fundo, diante de um velho problema na tradição filosófica, que é o problema da relação teoria-prática, Dewey não aceitou a minimização do prático que poderia ser, tradicionalmente, considerado como uma espécie de deterioração da teoria Dewey disse: não, não é isso; o achado teórico, o julgamento teórico, no fundo participa do julgamento prático. Mas ele acrescentava que a postura teórica teria que transcender os interesses imediatos dos que se encontravam no concreto, na prática concreta, nas contingências existenciais. Para mim, com essa afirmação, com essa assertiva - que era uma das mais importantes e das mais distorcidas também - ele põe por terra a redução feita de sua afirmação, segundo a

qual a validade ou não, estaria em função da utilidade prática. Outra coisa que em Dewey, também, creio não ser bem entendida, é exatamente a questão da experiência cognitiva, da experiência não-cognitiva, da experiência não reflexiva. A mim, isso toca. Quer dizer, não é qualquer experiência - no fundo é mais ou menos isso - que dá o conhecimento, mas é aquela experiência em que há uma vontade cognitiva. Quando Dewey coloca isso, está antecipando-se a Kosick, Karel Kosick quando analisa a maneira como nós nos movemos na cotidianidade, ele se refere a um certo... - que aliás a forma preponderante quando a gente se move na cotidianidade - é exatamente aquela em que a mente, diz Kosick, não opera epistemologicamente. Como também dizia Dewey, você se dá conta dos fatos na experiência em que a mente não funciona epistemologicamente; mas o dar-se conta dos fatos não constitui um saber cabal. Isso para mim tem a ver ... é a mesma postura de Dewey.

P. Penso que nenhuma filosofia do século XX pode ser "pura", autônoma, todas elas são heterogêneas. Por serem heterogêneas têm elementos do próprio marxismo. Não é porque possuem pressupostos liberais ou idealistas, que logicamente, numa lógica mecânica, todas as suas afirmações e propostas pedagógicas decorrentes sejam necessariamente liberais ou idealistas. Muitas vezes elas são misturadas. Esses ideais são marcados historicamente pelos próprios movimentos sociais da época. Então, pode haver pressupostos idealistas e propostas socialistas misturados.

R. Exato. Eu acho isso.

P. Por várias vezes Gramsci afirma que é preciso considerar com muita cautela essas "filosofias" pedagógicas, porque elas são essa mistura, que é a mistura da história, do século. Os movimentos sociais, as reivindicações por educação, as reivindicações democráticas não são burguesas. São reivindicações socialistas. No entanto, convivem com erros de teoria histórica, tipo "desenvolvimentismo". Pen

so que Dewey acreditava, que pelo caminho "democrático" norte-americano se chegaria à justiça social. Esse é um erro de teoria histórica. Mas por haver esse erro de teoria histórica, não quer dizer que tudo que tenha feito possa ser jogado fora.

R. Concordo com vocês. Eu acho que essa é a leitura correta.

P. Eu vou muito nessa direção. Acho que entendi bem o Joel Martins, quando diz que eles são socialistas. É no sentido de que ideais socialistas estão aí contidos. Afinal, ideais socialistas estão presentes também nos socialistas utópicos, metodologicamente considerados idealistas. Então, ideais socialistas eles têm, e essa "mistura" tem que ser estudada porque é uma mistura do nosso século. E aí, Paulo, realmente acho que a questão da terceira via pegava muito.

R. Pega ainda hoje. Para mim, a terceira via, praticamente, liquidou a experiência do Chile. Porque de fato, em certo momento histórico, nesses 20 anos, o ideal da terceira via encontra um caminho político para se consubstanciar. E esse caminho político foi a democracia cristã. A democracia cristã surge como um instrumento de viabilização da terceira via.

P. É possível dizer que você estava na terceira via?

R. Não, não. Interessante, sabe, sempre desconfiei da democracia cristã. Só que não tinha uma posição anti. Num certo momento da minha vida, obviamente, eu devia estar na terceira via mesmo. A democracia cristã, de toda a América Latina alcança, no Chile, o ápice do seu poder. Eu me lembro de que eu cheguei ao Chile em novembro de 64. Fazia 15 ou 20 dias que Frei tinha assumido. Posso dizer-lhes que se vocês entrevistarem qualquer brasileiro que chegou lá naquela época, não tenham dúvida nenhuma que qualquer um confirmará isso; havia nas ruas, um

clima de euforia revolucionária. A juventude, a massa popular, todo mundo estava convencido, realmente, de que era revolução em liberdade, como eles chamavam. Coisa que a mim estranha - fiquei um pouco estranho quanto àquilo tudo - e foi aí que comecei, realmente, a me perguntar muito sobre as próprias bases populares no poder. E me lembro também que, pouco tempo depois, chegava a Santiago, e se meu velho amigo, às vezes também injustiçado, o Álvaro Vieira Pinto. Ele dizia, com aquela sua calma: Paulo, não compreendo muito bem essa afirmação, esse slogan 'Revolution y Libertad', porque acho, dizia ele com um certo humor, que se faz revolução porque não se tem liberdade. Então, não se faz revolução em liberdade, se faz para se ter, para se reconquistar ou conquistar a liberdade, entende? Mas o que quero dizer, é que naquele tempo, eu me lembro das delegações de países latino-americanos que iam para Santiago estudar a terceira via. Foi exatamente com o governo da democracia cristã que se objetivou e generalizou a expressão terceira via. E o fracasso político, social, etc... da terceira via, da democracia cristã, me parece que hoje enterra essa hipótese inócua.

R. Não há dúvida que tem. Você está certo. Tenho a impressão, contudo, Paulo e Ester, que a gente tem que se posicionar... Se você olha para esse governo que está aí, é preciso muita ingenuidade pré-deweyana, para não perceber que isso é um governo de classe dominante. Governos de classe dominante também foram o de Médici, o de Figueiredo, o de Geisel. Quando se reconhece isso, tem que se colocar a necessidade de uma análise maior com relação às diferenças ou não, de um governo de classe; quer dizer, todo governo de classe não é igual. Me parece que esta questão é importante para ser colocada não a quem está na direita, que também coloca e exige maior rigidez, mas para quem está numa posição de esquerda, socialista, etc... É que, embora sendo de classe, como foi de classe o governo de Médici, há nuances num mesmo espectro de classe, que fazem a diferença.

P. Você se refere a um aspecto positivo. Coloco, agora, um aspecto negativo, que me preocupa, sem negar esse positivo, com o qual eu concordo. É que havia a uma certa altura, um certo movimento de massas, uns certos anseios populares que poderiam ter sido, pelas lideranças, levados mais à frente. Não sei se isso vai ser positivo ou negativo historicamente, mas a população sentiu esse movimento de ir para a frente, por exemplo nas "diretas já", na questão da reforma agrária, etc., e tudo isso se torna cada vez mais, uma decepção... a Constituinte. Não sei se essa decepção do movimento de massa poderá, historicamente, ser instrutiva. Obviamente, tudo poderá ser instrutivo pois a história é educativa, mas, existe um sentimento de frustração.

R. Bem, frustração também tenho; mas a frustração não pode proibir a tua operação de análise, não pode limitá-la.

P. Às vezes penso que teria que ter havido no Brasil uma invasão da baía dos Porcos. Veja bem, em Cuba, de início, havia simplesmente um movimento liberal, um movimento de se libertar do ditador; não havia uma revolução socialista. Depois, com a baía dos Porcos, o movimento foi se radicalizando, se tornando cada vez mais forte, à medida que a reação imperialista era muito forte. E aqui, ao contrário, houve um movimento popular de massas, que foi, por baixo se esvaziando, com a conivência de muitos intelectuais.

P. Mas veja, uma das características, enquanto possibilidade de poder, que a classe dominante tem, e agora, vou falar o óbvio, é que o poder dá ao dominante a possibilidade de, por um lado, reprimir aqueles que em certo momento ultrapassam o limite desejável de afirmação. E por outro, o poder de cooptar para evitar a punição mais dura. É interessante observar, como nas sociedades capitalistas mais modernas, a coação, a repressão são mais simbólicas do que físicas. Isso não significa, porém, que as sociedades capitalistas mais modernas não usem a repres-

são física. No momento que a repressão simbólica, a propaganda, a sugestão e a persuasão pifam, a repressão física acontece.

P. Você não tem medo de ser cooptado?

R. Volto a isso daqui a pouco. Gostaria de continuar falando um pouquinho sobre essa questão de hoje. Eu me coloco diante disso não para lastimar ou não, que a massa popular esteja sendo enganada, mas, para entender o engano. Quer dizer, reconhecer os limites da diferença entre um governo como esse e o governo anterior, por exemplo. Há um corte liberal nesse governo. Os liberais também acreditam na força da liberdade individual, embora no Brasil menos; acreditam que há possibilidade de dizer sim e dizer não. Esse governo ampliou um pouco, indiscutivelmente, os espaços políticos com medidas interessantes, por exemplo, as medidas que inicialmente o ministro Pazziano tomou com relação às lideranças sindicais... todas essas coisas que a gente conhece são medidas importantes, democráticas. Mas você vê que o miolo da política continua sendo de classe dominante e de classe dominante periférica, de classe dominante dominada. Por exemplo, como explicitar esse receio, até hoje, de se reatar relações com Cuba? Indiscutivelmente, o governo vai e volta, etc. ... com medo. É a pressão norte americana que faz esses liberais democratas recuarem. Esse governo que está aí é muito mais um governo democrata cristão, menos avançado que o governo do Frei, mas é um governo da terceira via, de novo. Enquanto intelectual, enquanto educador brasileiro participando desse movimento histórico, mas com um sonho diferente, minha posição é a seguinte: tudo que puder fazer para aproveitar o espaço que está sendo reconhecido por esse governo, eu faço. O que eu não faço é solidarizar-me com ele; isso de jeito nenhum. Não me solidarizo com esse governo porque o sonho dele não é o meu. O meu sonho é antagônico ao dele. Eu me solidarizo com as massas populares.

P. Há uma entrevista que você deu à Folha de São Paulo...

R. Ah, sim. Mas não saiu exatamente como eu disse. Acho que foi muito melhor na entrevista do que aí. Daquele dia para cá, a pressão evoluiu de tal maneira, que rompi definitivamente. Agora, nem o mínimo de ajuda que dava àquilo, não estou dando mais.

P. Ao MOBRAL, né?

R. É, cortei definitivamente.

P. Teve gente que ficou um pouco preocupada...

R. Bom, ali acho que não podia deixar, mas fiz uma experiência e vi que não dava. Então, o que eu tenho que fazer, por exemplo, se o governo me chamar para ser assessor disso, assessor daquilo? Tá louco! Eu não entro nisso. A última vez que eu entrei em um governo, foi no governo de Goulart, que era para mim, em certos sentidos, mais progressista do que esse. Engraçado isso, principalmente pela ambiguidade tremenda do populismo. Não sei se vocês já repararam, que de um mês para cá, na Folha de São Paulo começou a haver referência, em um ou outro artigo, ao PT de forma muito crítica. Por exemplo, há um artigo do Bresser, que é reacionário no fundo, em que ele diz que o PT está pondo as suas unhas de fora. Ele é que está pondo as suas unhas de fora.

P. Parece que o que ele critica ali é a competência do PT. O erro do PT é ser competente.

R. E não só a competência; ele critica a competência politizada, no sentido da massa. O que ele queria era essa competência no sentido da neutralidade, o que seria no sentido da classe dominante. Outro dia li um artigo peitudo, não me lembro mais de quem, também um comentário ferino ao PT, comentário de quem está com raiva porque o PT começou, primeiro, a crescer, segundo, a crescer porque denun

cia o descaso às massas populares. Quando o PT anunciou a necessidade de voltar às praças públicas pelas "diretas já", todo mundo caiu em cima do PT para dizer da inoportunidade disso. Você já viu? ... O PMDB faz o discurso que o Figueiredo fazia. O Figueiredo dizia que era golpe de estado falar em eleição direta. Era uma forma de dar golpe de estado; mas esse é o mesmo, nem sequer se faz uma originalidade, se repete. Veja como o poder é reacionário nesse país, o general também disse que isso não é conveniente, isso pode provocar mal estar. Quando, por exemplo, discutindo não só esse assunto como outros da política brasileira, Lula faz críticas, às vezes com uma linguagem contundente, dura ... e quanto mais contundente é a linguagem dele, tanto mais o povo ele continua sendo...

P. Ele é da raça de vocês, né?

R. Exato, nordestino lá do Recife, Pernambuco. Quando o Lula diz essas coisas, quando o Lula diz, por exemplo, numa referência que fez ao Fernando Cardoso e ao Jânio, que isso tudo são galhos na mesma árvore, muita gente diz: tá vendo, um radicalismo, a sectarização do PT. Mas não é verdade. Quando o Lula diz isso, gente da classe dominante fica escandalizada e não entende porque Lula diz isso. É porque sua posição de classe, o lugarzinho na estrutura social onde Lula nasceu, é outro. Ele explicita ali, na verdade, o interesse da classe trabalhadora.

P. Ele está nos dirigindo.

R. Exato, nos reeducando.

P. Quem educa o educador, né?

R. De vez em quando, me surpreendo me reeducando com Lula e com outros líderes; o que não quer dizer que não haja nenhum momento em que você seja o educador dele. Também é.

P. Fale um pouco sobre essa oposição, Nova República e PT. Como ela se reflete no interior dos assim chamados educadores? Essa oposição entra? Você viaja, você conhece, você escuta...

R. Penso que esse debate entra hoje de forma muito clara, provocando reações distintas e diferentes. Veja, por exemplo, entre os educadores que estão militando no PT, acho que essa posição é a normal. Pode encontrar umas tendências mais radicais do que outras mais sectórias, inclusive. Você vai encontrar educadores que dariam um "não" sistematicamente a qualquer tipo de chamamento por parte do poder dominante. Acho que isso não é prático. Sempre digo que uma das coisas importantes para os intelectuais que optam pela classe dominada, é aprender com as classes dominantes a serem "manhosos" para sobreviver e continuar lutando. Sempre digo que a luta de libertação se faz com gente viva e um ou outro morto que opta por morrer.

INTERRUPÇÃO

P. Estávamos falando de como essa oposição se reflete no interior dos educadores.

R. Dizia que dentro do PT é possível que você encontre gente que pense exatamente como eu, que você encontre gente que se ponha numa posição que eu chamo de mais sectária. Essa que é radical. Para mim, a sectarização implica sempre num erro, numa leitura errada do real. No fundo, o sectário e o radical querem a mesma coisa, só que um termina estragando o que quer.

P. Paulo, não sei se você concorda que essa sectarização, que é um erro, tem também uma causa, que é a mágoa. E a mágoa tem sua razão na repressão. Como você poderia intervir nesta questão?

R. Eu acho que essas coisas se superam historicamente, na práxis, na luta. É aí que essa diversidade de posturas de esquerda vai encontrar um leito. Isso não pode ser obra de uma pessoa, se bem que o papel de certas pessoas possa ser historicamente importante. Mas ele não pode estar sobre a história. O que quero dizer é que não é só a história, e eu nunca esqueço essa consideração de Marx, acho que na A Sagrada Família - quando ele diz: A história não tem nenhum poder em si mesma; a história não enriquece nem empobrece; a história não faz isso, não faz aquilo; a história não está por cima de nós nos orientando; nós fazemos a história e somos feitos pela história, etc.... Quer dizer, a história não é essa entidade mágica que fica por cima da gente. Mas você não pode negar a história. Quer dizer, esse é o problema, que é dialético. A tua presença é importante como Marx salientou, e também Dewey. É interessante voltar a isso. No fundo Dewey teve esse ponto também, e você vê isso em Anísio. Para Dewey, o homem e a mulher são agentes-pacientes da história. Para responder diretamente à tua pergunta: seria pretencioso eu me atribuir um papel de mediar essa coisa, quando, na verdade, eu também sou objeto das posturas sectárias. Qual o papel que posso desempenhar? É o de vocês, só que com uma diferença, a de eu ser um homem, como dizem certos grupos querendo me gozar, sexagenário; o de testemunhar sempre uma posição radical e recusar as posturas sectárias. Isso é o que eu tenho feito, nas minhas andanças pelo Brasil todo. E o que faço, ora publicamente, ora internamente em minhas conversas privadas com militantes do PT.

P. Você tem muita vida, Paulo. Você tem energias para tomar iniciativas e não apenas ficar a reboque das solicitações que lhe vêm.

R. Uma coisa que vou dizer a vocês e que deve surpreendê-los: é que não me sinto - vou usar agora uma expressão não no sentido idealista que essa palavra tem - vocacionado para assumir lideranças. Isso é que possibilita a

você dizer que devo fazer mais do que atender ao pedido, ao chamado. Eu também, hoje, tenho consciência disso. Por exemplo, não me abalei ainda - e creio que não vai dar mais - para disputar uma campanha política. Mas nisso não vai nenhum desprezo pela tarefa, de jeito nenhum. Vai apenas essa minha incompetência para fazer isso. Quando em 82 vários grupos do PT me indicaram para que eu fosse candidato a qualquer coisa, deputado estadual, federal, fui procurado pelo partido para dizer meu sim ou meu não. Fiz uma carta ao partido, e pedi que fizesse chegar depois aos diferentes grupos agradecendo a confiança, mas dizendo que uma das razões de eu estar no PT, residia no fato de que o PT entende como uma coisa nova, a competência e a incompetência de seus quadros e as respeita.

- P. Como você pensa o futuro próximo do Brasil e da educação? Pessimismo, otimismo?
- R. Em 45 pensei muito no futuro da educação. Hoje, sem pretender reduzir a educação a puro reflexo, o que seria uma distorção muito grosseira dos reprodutivistas, penso muito mais num esquema maior, na medida mesma que pensei que o que vai ser a educação dentro de 15 ou 20 anos nesse país, está em 90% na dependência das modificações institucionais, infra-estruturais, que possamos fazer ou não. 10% depende de nós. 10% é aquela cota com a qual qualquer sujeito não mecanicista, tem que contar. Por isso digo que a nossa posição de educadores tem que ser humilde, porque a gente tem que reconhecer que não é possível cruzar os braços para esperar a modificação radical que a sociedade sofrerá não sei quando, e que somente depois seria possível fazer o desenho da escola diferente. Porque fazer isso, cruzar os braços hoje é a melhor forma que você tem de prejudicar a modificação radical amanhã. Mas, por outro lado, e aí vem a dose de humildade que se exige de nós, a gente tem que saber que, ao entrar nos subsistemas educacionais do Brasil hoje, para trazer 5%, 10% de contribuição no sentido da mudan-

ça, a gente tem que pensar que esses 10% viáveis, concretos, terminem valendo 40% ou 50% no cômputo geral da modificação de amanhã. Porque não participar desses 5% ou 10% é engrossar a onda da preservação do que está. Entrar nesses 5% é aumentar a possibilidade de mudar. O meu sonho é mais global; gostaria, nesses 15 ou 20 anos, de ver, num primeiro momento, consubstanciar-se cada vez mais o gosto pela liberdade nesse país. Concordo com o Weffort nesse seu livro que acho formidável. Por que democracia; depois que o li confirmei minhas preocupações, mesmo ingênuas.

P. A tese do Weffort era fortalecer o amor à liberdade?

R. Não, é fortalecer algo que ele acha que começa a existir no Brasil com a mesma substantivação com que, por exemplo, passou a pertencer a uma aspiração geral nacional, independentemente de classe social, a questão do desenvolvimento do país. Porque quando a gente dá uma olhadela na história política desse país, a gente vê que a constante foi e é o autoritarismo. Sempre digo que os militares não inventaram o autoritarismo nesses 20 anos do governo em que estiveram no poder, mas deram uma contribuição indiscutível para isso. A grande contribuição dos militares foi o reforçamento do autoritarismo no Brasil. Reforçar, consolidar isso, convencer que o cotidiano é esse. No fundo, o regime militar brasileiro que veio do golpe de estado, se instaura para viabilizar o sistema capitalista, quer dizer, o sistema capitalista cria uma delegação de poder através dos militares, depois, ambigualmente, os militares caminham mais do que a delegação, tomaram mais poder do que as classes dominantes pensavam que eles iam ganhar. Mas, acontece que, contraditoriamente, a ênfase da anulação das liberdades, a violência com que se pretendeu anular, depois de uma larga experiência populista... é preciso contar com a positividade da negatividade do populismo, que é um lado da ambigüidade de populista, que termina por trabalhar a favor da presença popular. Quer dizer precisando da presença popular rei-

vindicativa na praça pública, para justificar-se, o populismo termina ensinando a massa a vir à rua. Ela vem para justificar a presença do populismo e termina aprendendo a vir. Quando ela aprende a vir, ultrapassa os interesses e as intensões do populismo. Isso é o que se deu com o reformismo da terceira via. O Partido Democrata Cristão - no Chile moderno - é reformista por natureza, não por acidente, como esse governo também é. E por aí você vê o recuo na reforma agrária hoje. Mas o reformismo chileno saiu das mãos de quem fez o reformismo e a massa popular o tomou na mão. Por isso é que não é de estranhar que Allende ganhe depois do reformismo da democracia cristã. No nosso caso: o meu sonho desses 10 ou 20 anos não é esse. O meu sonho é, imediatamente, o enriquecimento, o fortalecimento, a substantivação desse gosto pela liberdade. É isso que chamo de substantivação democrática ou democracia substantiva, que não é contra o socialismo, que não é antagônica à revolução. É isso que as esquerdas precisam aprender também, historicamente, inclusive. E para que esse engrossamento do gosto pela liberdade? Não para cair no liberalismo e ficar nele, mas, para ultrapassar tudo isso na construção de uma sociedade socialista.

P. Admiro o teu gosto pela vida.

R. Exato, exato. Agora veja como há uma diferença entre o Paulo Freire de hoje - que não é de hoje, tem mais de 70 anos - e o Paulo Freire de 45. Se você tivesse falado comigo aos 24 anos de idade, você iria encontrar esse mesmo gosto pelo mundo, esse mesmo ideal de liberdade, mas como? Dentro de uma perspectiva, realmente idealista; quer dizer, pensava que fosse possível fazer isso na base do conhecimento. Foi bom que eu peguei isso tudo na minha prática de educador desde aquela época; por exemplo, atribuo um papel - e Gramsci também - eminentemente pedagógico ao partido. Ainda ontem dizia ao Weffort, aqui em casa: não tenho dúvida nenhuma, e disse isso em um dos meus diálogos com o Gadotti, de que a gente está vivendo hoje muito mais uma guerra de classe. Toda essa violência urba

na em que o cara te pega na rua, te capa, leva o teu relógio, te dá na cara, te corta metade do bigode, entende? E ele, ao fazer isso, indiscutivelmente está explicitando - sem cair em psicologismos - às vezes sem saber, que é a conotação básica desse comportamento, uma raiva justa de 400 anos. Isso é guerra de classe. Quando você vê um lado da classe dominante, os representantes da classe dominante, exigindo na imprensa, no rádio, na televisão, a pena de morte; quando se mata mais gente do que qualquer pena de morte poderia possibilitar... Montoro declarou que nunca se matou tanta gente como no governo dele. Não sei se vocês leram isso, não quero ser falso e nem sectário. Ele não usou essa expressão "nunca se matou tanto aqui", mas quase essa. No fundo, era isso que ele dizia. Eu dizia ao Weffort: uma das tarefas difíceis de um partido como o PT é a de, sem cair em idealismos pedagogistas, ver se é ou não possível inventar caminhos de mudar essa guerra de classe em luta de classe. Nunca me esqueço de uma afirmação de Marx, no Manifesto, em que ele dizia que o objetivo imediato dos comunistas e dos partidos de interesse popular, é o de constituir os trabalhadores em classe para si. Quer dizer, essa é uma das tarefas pedagógico-política fundamentais de um partido revolucionário, contra a qual existe a tarefa do poder dominante burguês de impedir que a classe trabalhadora saia da classe em si para a classe para si. Um marxista pode virar idealista pensando que essa é uma tarefa estritamente pedagógica. Não queria cair nesse erro hoje, depois de tantos anos, mas, indiscutivelmente, existe aí um problema político-pedagógico para o partido popular, e não populista. E nós temos, historicamente, experiências muito interessantes; não falo de uma delas, recente, porque talvez nem caiba aqui nessa conversa da gente. Foi a grande experiência, que vi no Chile, com grupos chamados marginais, em cuja participação política, o PSC (Partido Socialista Chileno) e o PCC (Partido Comunista Chileno), ambos marxistas-leninistas, não acreditavam. Eles teoricamente achavam o que todos sabemos que o Lumpen, pela inexistência de uma inserção na produção sis

temática, no modo de produção capitalista sistemático, não tem condições de constituir-se como classe e de ganhar uma consciência política de classe. E sendo assim não dá para trabalhar com ele. O M.I.R. não acreditou nessa tese e defendeu outra: que era possível trabalhar a própria experiência da consciência de classe. Foi e deu certo. Fez uma grande experiência no Chile, que conheci de perto.

P. Lembro-me da propaganda do PT: não é porque a pessoa está reprimida, sem comida, que você não deve passar uma mensagem de amor à vida, eu senti muito isso, à festa, às coisas, à liberdade. As velhas políticas, mesmo as políticas de esquerda, esquecem isso.

R. Concordo inteiramente contigo. Por isso é que não concordei com algumas críticas a essa postura diferente do PT, que a consideram como uma espécie de rendição do consumismo, aos valores da burguesia. Eu disse: não, esse pessoal está longe de perceber a novidade velha que está aí. O que está havendo aí é o gosto pela vida. É isso que o Fromm chamaria de necrofilia, que é o amor à morte, e a biofilia, o amor à vida.

P. O que vai dar, ninguém sabe. Você sabe?

R. Não, não, mas acho que vai começar a se saber, viu? Quer dizer, o PT está dando susto em certas alas que queriam um PT não muito definido. Acho que o PT vai se definindo cada vez mais em função das massas que também vão se definindo. O que me parece que o PT não pode fazer é pretender antecipar-se demasiadamente a uma definição de si que já sabe tudo que vai fazer impondo uma definição daqueles em nome de quem esse partido fala. Em termos de teoria política, uma das primeiras conotações que caracteriza um partido é que todo partido fala em nome de um certo setor da sociedade. Para mim, um partido que começa a acreditar na vida e não dissocia a vida na reconstrução social, não dissocia a beleza ... um partido que não tem medo da beleza, que não tem raiva da beleza, da alegria, da música, do

som, da pintura... Em suma, esse partido é biofílico, amoroso da vida. Ele não antagoniza isso tudo com a luta. A luta não é só feia, triste. A luta é primordialmente bonita. Nunca me esqueço de uma frase de um homem na África, alfabetizando-se: Na luta o povo é bonito.

- P. E como transpor esse amor à vida para os métodos didáticos, nas escolas? Que método, que linha seguir, pedagogicamente? O que você tem a dizer aos professores em sala de aula?
- R. Vejam como certas críticas à Escola Nova não têm sentido. A mim não importa quem foi que disse que disciplina é algazarra também, que disciplina é barulho, que disciplina é vida, é vitalidade, é esforço, é angústia, é pergunta, é gostosura, é dúvida, é afirmação. Isso é disciplina. Mas, disciplina é ordem também, mas uma ordem que se assume para ajudar a própria alegria da vida, porque se tu não ordenas a própria beleza da vida, ela fica feia. No momento em que você introduzir um treco como esse dentro da escola, aí chega um educador autoritário e diz: isso é escolanovismo. Mas é que o educador autoritário - Erich Fromm já o descreveu - é necrofílico. O educador autoritário é aquele, como todo bom necrofílico, que adora a imobilidade, o imóvel. Já disse Freud: tudo que se mexe e que portanto é vivo, atrapalha a vida do necrofílico. O necrofílico, que é um autoritário, se sente perdido diante da mobilidade, porque ele se sente inseguro. Então, a tendência dele é paralisar tudo, disciplinar tudo, ordenar tudo. Fromm diz: para o necrofílico a palavra fundamental é a ordem, para o biofílico é a vida". A vida não se antagoniza com a ordem, porque é ordenada. Assim, para um educador de hoje, seja de pré-escola, seja de pós-graduação, nessa transição, na melhor das hipóteses, de um governo democrata cristão, eu diria: se somos realistas, se respeitamos o concreto lá fora, se queremos ser coincidentes e coerentes com a presença de milhões de brasileiros que demandavam as eleições diretas nas praças públi

cas ... (essa cidade de São Paulo recebeu em suas ruas, em suas praças um milhão e quinhentas mil pessoas no último dos comícios, quando líderes, que hoje consideram uma traição ao presidente Sarney, defendiam não trair o povo; me lembro que um jornal de São Paulo comentava que um milhão e quinhentas mil pessoas nas ruas de São Paulo não havia estragado sequer uma flor, o que mostra que a massa popular presente na rua, não é necessariamente anti-ordem; cantava o hino nacional de mão dada); se a gente quer ser educador, se quer pensar que num curso de pós-graduação não se está metido só numa sala, pois essa sala está metida numa história, na história de um contexto, e que nesse contexto houve um milhão e 500 mil pessoas, exigindo o seu direito de escolher o presidente... Se a gente quer ser coerente com outro um milhão e tanto que na praça pública levou o corpo do seu presidente para o aeroporto em absoluta ordem feita pelo próprio povo ... Se a gente quer ser coerente com o que vem ocorrendo nesse país, com os que morreram procurando a liberdade, torturados ... Se a gente quer ser coerente com essa juventude que já não está hoje porque morreu, porque foi assassinada, acho, na pré-escola ou na pós-graduação, a gente tem que testemunhar o gosto pela liberdade. No fundo, essa é uma briga: a perspectiva autoritária e a perspectiva democrática estão em jogo. Uma perspectiva autenticamente democrática, não cogita posturas licenciosas. O autoritarismo de modo geral, considera todos aqueles e aquelas que estão envolvidos num sonho democrático, substantivamente democrático, como espontaneístas, como licenciosos, como frouxos. Na verdade, essa é uma associação indevida, falsa, absurda. É que para o autoritário tudo o que não é autoritário é frouxo, é desordem, etc., porque é necrofílico mesmo. Ele ama o estável; ele quer que no ano 2050 aquilo esteja lá como ele disse. No fundo, é uma posição de quem não acredita que o concreto possa mudar. Quando se propõe por exemplo, que uma das dimensões fundamentais na relação entre educador-educando, educando-educador é o conteúdo, o objeto de conhecimen-

to... o conteúdo não pode ser outra coisa, senão o objeto, o programa representado em objetos de conhecimento a serem conhecidos. Quando se diz que nesta relação e nesta situação, que é uma situação gnoseológica, um dos aspectos centrais e uma das tarefas fundamentais do educador, da educadora, é possibilitar, é lutar para que o educando aprenda, pela própria prática, a se posicionar como sujeito cognoscente diante de um objeto cognoscível. Ao contrário, o autoritário pretende negar essa relação cognoscente entre o sujeito cognoscente-educando e o objeto cognoscível-conteúdo e fazer a transferência direta, imediata, dele como sujeito ao educando como paciente na transferência do conteúdo. Quando você insiste que é preciso que o educando aprenda a aprender, e que aprenda a aprender aprendendo os conteúdos, pula imediatamente o autoritário e diz que o escolanovista A, B ou C pretende transformar essa atividade docente numa espécie de jogo simpático em que o educando vai levar um tempo enorme para aprender a aprender. Mas não é isso. Em primeiro lugar, ninguém aprende a aprender a não ser aprendendo, e ninguém aprende a aprender aprendendo apenas o aprender, porque você só aprende o aprender quando você aprende um objeto; e você só aprende um objeto quando você o aprende. Aí você conhece, entende? Então eu acho que essa relação sujeito-objeto, sujeito cognoscente-objeto cognoscível é uma relação fundamental, e se foi tratada, discutida, pensada, não importa em que termos, pela escola nova, isso não é o suficiente para que eu, numa perspectiva socialista, não me preocupe com ela. Pelo contrário, penso que toda pedagogia revolucionária tem, necessariamente, que negar a postura autoritária do educando que transfere conhecimento e conteúdo. Eu faria esses apelos e os venho fazendo pelo Brasil afora. Tudo isso, muito mais do que questão técnico-pedagógica, é questão político-ideológica. Antes de resolver ideologicamente sua posição, antes de aclarar-se politicamente, não se tem a clareza pedagógica para dar encaminhamento a isso. Você só se assume quando você sabe realmente... e é engraçado porque há dois momentos nisso, para mim: um é o momento

em que você assume claramente a opção política, o outro, imediato (quando eu digo dois momentos é apenas uma divisão didática, pois isto tudo é um só) é aquele em que você vive a coerência na prática com a opção que você verbaliza.

P. Às vezes as pessoas se cansam na vida, ao verem que os próprios ideais não se realizaram como queriam. Aí desanimam, vem o pessimismo. Você, no que diz respeito ao Brasil, não viu se realizarem em coisas pelas quais lutou. Por que você não desanima?

R. Essa pergunta me foi feita aproximadamente dez vezes.

P. Então, é freqüente essa percepção no interlocutor.

R. Nunca me esqueço, de um dia, na Universidade de Londres, num debate; uma pessoa, faz essa pergunta, em inglês. O cara olha para mim e diz: li a Pedagogia do Oprimido, li a Educação como Prática da Liberdade, li a Ação Cultural para a Liberdade, li algumas entrevistas suas; eu sei onde o senhor anda, não tenho dúvida nenhuma do que o senhor deve saber. Apesar da aceitação que um auditório como esse lhe revela, apesar de tudo isso, eu não tenho dúvida nenhuma que o senhor teria muito mais razão de estar caladíssimo, triste, magoado. Como o senhor explica essa vitalidade? Nesse tempo tinha 50 anos; essa pergunta me foi feita no começo de 71. Depois recebi essa mesma pergunta em muitos outros lugares, na Índia, nos Estados Unidos. Essa pergunta me vem acompanhando, pelo menos, desde 70 e toda vez fico um pouco embaraçado para responder. É que a dimensão individual da sua experiência social não é suficiente para explicar a sua prática, precisamente porque ela é social. Mas, por outro lado, a sua prática metida no social não prescinde da dimensão individual dela. Eu me lembro, por exemplo, que aos 10 anos, sentado no terraço da casa em Jaboatão, essa cidadezinha perto de Recife, no fim do mundo, não dava em mim nenhum otimismo com relação ao fato de, ao meio dia,

eu ter uma comida mais forte da que eu tinha tido no café ralo. Me lembro que um dia disse a mim mesmo que havia qualquer coisa errada. Obviamente, naquela época, não era capaz de compreender a própria estrutura da sociedade onde eu estava; como é que a sua produção estava armada, como é que funcionava isso e a questão dos interesses de classe. Nada disso eu entendia, pois tinha 10 anos de idade. Mas sentia que havia um treco errado. E dizia a mim mesmo, naquele tempo: se pudesse, eu trabalharia para que essa coisa diminuisse. Uma espécie assim de juramento, pode-se dizer mágico, místico, não importa, mas que tem a ver com a forma de eu estar sendo no mundo. Quer dizer: sou um cara substantivamente otimista. O que pode ocorrer com as pessoas que são assim, que têm um certo gosto por acreditar na possibilidade de mudar, é ter uma perspectiva de acordo com a capacidade de ler, crítica e ingenuamente, o mundo que lhe provoca o otimismo. Você pode ser ingênuo, idealista e não ser realista. Vivi uns tempos em que esse otimismo era idealista, hoje não. Reconheço que, no fundo, tem que modificar a sociedade para superar o antagonismo das classes sociais que estão aí postas, entre a dominante e a dominada e que essa alteração não é resultado de um discurso, se bem que o discurso também tenha força, porém, é preciso que as massas populares, as classes trabalhadoras assumam a verdade proposta teoricamente. Marx disse isso. O que a gente, às vezes, esquece é que o assumir da teoria pelas massas é mediado pedagogicamente, é um problema político-pedagógico. Então, para terminar, diria que venho sendo um cara criticamente otimista, de uns anos para cá, e fui um jovem ingenuamente otimista. Mas, o que nunca deixei de ser foi otimista. Não aceito, de maneira nenhuma, banicar o peru, que dizem que você faz um círculo e ele fica dentro e não sai. Por isso mesmo se você me perguntar qual o meu tempo melhor, o de hoje ou aquele da adolescência, diria que é o de hoje. O tempo melhor é o tempo que vivo. Porque esse é o tempo em que há uma certa briga na qual estou. Tenho saudade do tempo passado, mas não nostalgia dele. Por isso, sou crítico. Acho também

que esse otimismo resulta de um lado, da humildade com relação ao que a gente faz. Quer dizer, como educador eu sei, eu reconheço que tenho limites históricos, sociais, políticos que são impostos à minha prática. No momento em que começo a reconhecer a existência desses limites necessariamente não posso hipertrofiar os resultados da minha prática; eu a reconheço nos seus limites. Isso me dá essa posição um pouco de quem está em paz por ter cumprido uma tarefa, minimamente. E isso faz parte da própria vida; para mim é inviável ter um sonho de vida sem acreditar nela.

P. Isso não tem algo a ver com a promessa cristã, de que se o sonho não se realizar agora, poderá se realizar mais tarde, na outra vida?

R. É claro, não quero te negar a minha formação cristã; acho que seria o fim. Mesmo que renunciasse, não poderia negar o que a formação cristã me deu. Porque seria legítimo que eu hoje dissesse a vocês que esse negócio não tem mais nada a ver comigo. É legítimo, mas mesmo que isso tivesse ocorrido, eu teria que reconhecer as influências positivas e negativas que isso me deu; passar incólume não dá. Não tenho porque renunciar. Evidentemente, não acredito que, esse sonho cristão de que amanhã será melhor, ocorra só porque amanhã será melhor. Será melhor se nós lutarmos para que seja. Recentemente, esse centro de estudos em educação que a gente criou, que se chama Verdade, quis fazer um cartãozinho de Natal e pediu que eu escrevesse uma frase, e escrevi essa frase: "Só na luta se espera com esperança".

P. O marxismo, enquanto uma teoria que explica a realidade, me satisfaz, pelo menos não conheço outra que dê conta de explicar melhor. Por outro lado, sou um pouco desesperançosa com essa estória de revolução; não acredito muito nisso. As coisas hoje estão de um tal modo que a balança pende mais para a deterioração mesmo. Sem dúvida alguma, acho que uma coisa melhor só pode acontecer se os homens lutarem para isso. Mas, andava um pouco deses-

perançosa em relação a essa luta pela força que os dominantes têm, pelos mecanismos todos que eles têm de se perpetuar no poder. Então, não é nem uma questão de tempo, mas acho que esse processo é longo mesmo. Penso que é mais provável irmos para a decadência do que construirmos um mundo melhor.

- R. Olhe, Ester, em 1978 você poderia estar dizendo isso aqui em São Paulo, em uma sala qualquer; e em 79 se surpreenderia com a Nicarágua, entende? Não posso dizer muito a vocês, até por uma questão de seriedade, pois há pessoas que são especialistas em Nicarágua, mas estive lá, vi e experimentei Nicarágua. Vi o que significou, por exemplo, uma mulher passar um domingo inteirinho dentro de um carro com o vice-ministro visitando restaurantes e bares que antes eram exclusivamente da classe dominante. E ele fez questão de fazer esse itinerário comigo pela cidade de Managua. Aliás, uma coisa engraçada é que em todo bar ou restaurante onde parava, ele telefonava para o Ministério. Havia uma pessoa lá para atender aos telefonemas, para ele dizer onde estava porque, de repente, ele poderia ser necessitado. Nisso, dizem, está a ditadura. Não, isso é a responsabilidade social que esse cara ganhou, que a revolução lhe ensinou. Vi essa alegria: todos os lugares estavam cheios de gente, populares, operário, camponês bebendo, tomando seu drink, comendo apesar da crise e da quase inviabilidade do país. E por aí se vê como esse esforço revolucionário educou e continua educando o povo.
- P. Paulo, antes de encerrarmos a entrevista, gostaríamos que você falasse sobre suas atividades no início dos anos 60 e, também, depois, no exílio. Sabemos que esses períodos de sua história são por demais conhecidos; no entanto, gostaríamos de saber o que você aprendeu nessas épocas.
- R. aprendi muito e pouco. Esse período de 50 a 64 foi muito marcado por uma relação muito estreita entre mim e a classe trabalhadora de Recife através do SESI, que é uma ins

tituição que nasce num desses momentos lúcidos da classe dominante. O SESI nasce para dificultar a assunção da consciência de classe pela classe trabalhadora. Indiscutivelmente, é para isso que nasce. Mas dentro do organismo tive uma possibilidade enorme de crescer. Aí tive uma larga experiência com a classe trabalhadora. Como diretor de educação do SESI, desenvolvi um trabalho enorme com os chamados "círculos" de pais e professores. Aprendi muito da linguagem popular, toda a ênfase que dou à necessidade que se tem de entender a percepção do mundo que as classes trabalhadoras têm, que os alunos, os educandos têm, não para ficar ao nível dessa percepção. Inclusive, como educador, necessariamente tem que ter uma prática diretiva numa educação que não seja diretiva. A diretividade da educação faz parte da natureza da educação, mas isso não significa necessariamente que a educação seja autoritária. A diretividade da educação tanto pode ser vivida democraticamente, como pode ser vivida autoritariamente. Aprendi muito que se tem que partir desse mundo, porque vi, pela minha experiência, num primeiro momento, a minha insistência em levar às famílias trabalhadoras a minha compreensão da criança, sem estar advertido de que a minha compreensão da criança era uma compreensão de classe. A minha compreensão dos valores era uma compreensão de classe, e vi como isso não adiantava. Aprendi que vir de cima para baixo não adiantava. Aprendi muito trabalhando, praticando e também estudando. Esse foi um período em que estudei, li tudo o que pude ler em termos de formação político-social-cultural brasileira. Tenho alguns desses livros que escaparam às enchentes e aos cupins. Li toda a obra de Gilberto Freyre, Caio Prado, Oliveira Viana. Li os viajantes estrangeiros que nos visitaram, que passaram pelo Brasil. Li todos esses autores procurando exatamente, captar, compreender essa marca autoritária.

P. E a leitura das fontes marxistas, quando começou?

R. Essas leituras começaram tardiamente, no exílio, depois da saída do Brasil. Alguma coisa comecei a ler antes, nos anos 60, ainda no Brasil, mas não com a sistematicidade que comecei a fazer no Chile. Nesse sentido, é que acho que às vezes há críticas que revelam um pouco de má vontade com relação a mim. Não se descobriu uma diferença na unidade. Vê bem, eu não renego as coisas que fiz em 47, 48, de jeito nenhum. Mas o que observo é que dentro de uma continuidade há uma mudança que vai crescendo. Sobre esse período há muitas coisas. Outra coisa que estou agora fazendo, é revisão de um volumezinho que vai sair pela Paz e Terra, meu com o Sérgio, em que falo muito de antes do golpe até o golpe.

P. Nos anos de exílio, quais foram os lugares, as experiências que mais lhe ensinaram?

R. Vocês chegaram a ler "Por uma pedagogia da pergunta", que é meu diálogo com o Faundes? Está quase na segunda edição. É um diálogo com Faundes, para mim, um dos melhores. Por exemplo, minha experiência com a África me mudou, porque foi me confirmando um bando de coisas, me mudou. Às vezes você está convencido de uma coisa mais precisa confirmar. Quando a confirmação chega, você realmente dá o salto que estava esperando para dar. A minha primeira visita à África - eu até digo isso nas cartas da Guiné-Bissau, me convenceu que quando eu desci no aeroporto da Tanzânia, não estava chegando, eu estava voltando. Uma coisa incrível como a África me tomou. Assim, a minha experiência com países como a Tanzânia, ex-colônia de Portugal, e a minha experiência com Gremilda, no Caribe, que chamam de Granada, o correto é Granada, que o Reagan invadiu. Quando aquele povo fez sua revolução, que foi uma coisa incrível, quatro sujeitos tomaram o poder e houve um fuzilamento injusto, que provocou em Fidel uma reação enorme. Na esquerda disse, se aceita a discussão e o debate mas o assassinato, não. Mas eles mataram e com isso facilitaram a entrada do Reagan. Foram cinco ou seis caras que tomaram uma dele-

zia em certo momento: quero dizer uma coisa a vocês baseado influenciado e iluminado por Amilcar Cabral, que é o seguinte: ou vocês se conservam e cresçam como militantes armados ou vocês, virando militares, darão um golpe de estado dentro de um ou dois anos. Vocês têm que ser militantes armados como eu sou militante desarmado. Agora se vocês disserem não, nós somos militares e aí inventarem 1º Tenente, 2º Tenente, Capitão, Major, General, Coronel, etc. aí, o General dá um golpe de estado com o Sargento ou com os Comandantes. Bem, então a minha experiência em Grenada, a minha experiência em Nicarágua...eu falei sobre isso e porisso é que é bom ler esse livro porque há um diálogo em que eu falando dessas experiências, falo do que significa a transição revolucionária do ponto de vista da pedagogia, quer dizer, o desafio do educador revolucionário. Uma coisa é o educador revolucionário numa sociedade burguesa que não fez ainda a revolução, ele é um educador progressista. Nós somos - espero - educadores progressistas aqui, porque é isto que o contexto social, político, econômico, histórico nos impõe. Você não é um educador revolucionário, nem eu, nem Ester. Nós somos progressistas. O educador revolucionário é aquele que tendo sido progressista na fase da sociedade burguesa, vem à tona no processo revolucionário e entra na transição revolucionária. Aí ele vai ser testado de novo. Isso deu a mim um aprendizado fantástico; vocês não podem imaginar o que significou isso.

São Paulo, 27 de dezembro de 1985